

FESTIVAL: INSTRUMENTO OU PRETEXTO PARA AS POLÍTICAS CULTURAIS?*

Emmanuel Wallon¹

RESUMO: O festival, programa de manifestações culturais, por vezes, internacional, concentrado em uma época do ano, parece ser uma solução tentadora para dinâmicos tomadores de decisão, eleitos, gerentes e clientes que o veem como uma panaceia para a política cultural, local, regional e nacional. Na verdade, esta fórmula permite ao público explorar as obras, marcar um mandato político, injetar a atividade econômica, dar visibilidade a um território e sua população e incentivar reuniões entre profissionais do setor sem exigir investimentos maciços. No entanto, especialistas questionam esse conceito, quando ele permite que certas autoridades locais, para as quais o acréscimo de realizações efêmeras toma a forma de política, em detrimento de um envolvimento durável, junto aos órgãos de produção e difusão, de formação e de pesquisa

Palavras-chave: Festival. Políticas culturais. Economia da cultura.

RESUMÉ: Le festival, programme de manifestations culturelles, parfois international, concentré dans une période de l'année, apparaît comme une solution tentante pour des décideurs, élus, gestionnaires ou mécènes qui y voient une panacée de la politique culturelle, locale, régionale et nationale. En effet, cette formule permet au public de découvrir des œuvres, de marquer un mandat politique, d'injecter de l'activité économique, de donner de la visibilité à un territoire et sa population et d'inciter aux rencontres entre professionnels du secteur sans exiger d'investissements massifs. Cependant, des spécialistes questionnent ce concept quand il devient l'addition de réalisations ponctuelles tenant lieu de politique au détriment d'un engagement durable auprès des organismes de production et de formation ou en raison de dérives commerciales.

Mots-clés: Festival. Politiques culturelles. Économie de la culture.

* O presente texto foi escrito para o 1º Colóquio Internacional No Reino dos Festivais, realizado em Salvador, de 24 a 25 de outubro de 2011.

¹ Professor e pesquisador da Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Doutor em Sociologia e mestre em Economia, pela École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris. Atua como consultor do Ministério da Cultura francês, do Centro Nacional do Teatro e do Observatório Nacional de Políticas Culturais da França.

Dinâmicos tomadores de decisões, eleitos desejosos de cativar as multidões, escrupulosos gestores dos fundos públicos, mecenas preocupados com a reputação, não hesitem: o festival é a solução para os vossos problemas, a chave das vossas ambições. O próprio nome promete festa à cidade que o acolhe. Adotado nos cinco continentes para designar um programa de manifestações culturais concentrado em certo período do ano, de três dias,

para os mais curtos, a três meses, para aqueles que optam pelo colorido de uma estação, ele assina a vinculação da coletividade ao planeta do lazer. A presença de alguns convidados estrangeiros é, em geral, suficiente para valer-lhe o rótulo de internacional, já que se admite em quase todo o lugar que os intercâmbios artísticos, tal como o comércio de bens e serviços e a circulação de títulos financeiros, devem ser globalizados.²

A expansão desta fórmula pelo mundo afora não teria sido tão espetacular, durante os três últimos decênios, se as suas múltiplas vantagens não tivessem feito da política cultural, local, regional e nacional, uma panaceia. O festival responde principalmente aos anseios dos cidadãos que desejam naturalmente descobrir obras inéditas e expressões originais, mas também partilhar emoções e experiências: a noção de “tempo forte” resume essa necessidade de se distrair das rotinas do cotidiano e das preocupações de proximidade. Ele satisfaz simultaneamente as expectativas dos vereadores que pretendem marcar o seu mandato por meio de eventos memoráveis, sobretudo se procuram transmitir aos eleitores a impressão de habitarem um território animado e de pertencer a uma coletividade unida. O festival traz, em seguida, vitaminas para a atividade econômica, estimulada, em curto prazo, pelos gastos em transporte, restaurantes e hotelaria, de artistas e espectadores, favorecida a longo prazo pela brilhante reputação da aglomeração que a abriga, glória essa que para ela atrairá turistas, estudantes, executivos e, talvez, investidores. Ele terá, enfim, o seu índice de apreciação junto aos programadores – diretores de teatro, produtores de espetáculos, organizadores de turnês, diretores de orquestras, de balés ou de companhias – que encontram, neste espaço-tempo privilegiado, a ocasião de se encontrar, de debater e de fechar contratos à maneira dos fazendeiros, em uma feira ou dos negociantes, em um mercado. Do amator entusiasta ao mediador zeloso, do crítico suscetível ao sisudo motorista de táxi, o festival é, pois, plebiscitado.

² Vide E. Wallon, “Le festival international: un système relationnel”. In : *Les relations culturelles internationales au XXe siècle, De la diplomatie culturelle à l'acculturation*, sob a direção de Anne Dulphy, Robert Frank, Marie-Anne Matard-Bonucci, Pascal Ory, Éditions Peter Lang, Bruxelles, 2008. p. 363-383.

De resto, as suas vantagens não se limitam à facilidade de construir um consenso. Impermanente mas, assim mesmo, regular, ele dá ritmo ao movimento de agitação urbana, marcando um encontro anual, até mesmo bienal ou trienal, com atores, espectadores e profissionais do mundo cultural. As suas instalações precárias não demandam investimentos importantes. Ao contrário, elas contribuem, frequentemente, para a valorização do patrimônio já existente, transformando, aqui, uma antiga arena em um cenário vanguardista, revelando, ali, as qualidades acústicas de um hangar desativado. A contadoria pública aprecia esta economia de recursos. Se por vezes é necessário pagar vultosos cachês às divas do canto lírico ou da canção, estes gastos de prestígio são suscetíveis de atrair os órgãos mediáticos e parceiros privados. São, por outro lado, compensados pela modéstia de gastos de estrutura e pelo reduzido número de empregos efetivados anualmente, uma vez que o festival contrata, essencialmente, temporários.

Entretanto, em meio ao concerto de louvores, vozes se elevam contra o credo “festivaleiro”, colocando em causa a pertinência de um conceito de programação que parecia ter sido comprovado. Merecem, ainda mais, ser escutadas, pois delas emanam representantes de manifestações patenteadas, senão especialistas dos gastos culturais.³

Aos olhos destes, o festival em si não tem nada de contestável ou repreensível. Eles criticam, em revanche, o abuso a que se permitem certas autoridades locais, para as quais o acréscimo de realizações efêmeras toma a forma de política, em detrimento de um envolvimento durável, junto aos órgãos de produção e difusão, de formação e de pesquisa, cuja implicação na cidade é a única capaz de fazer desta última o caldeirão de invenção exaltado nos folhetos publicitários e nos colóquios sobre as “*creative cities*”. Eles lamentam que a abundância da oferta e o aumento das capacidades diluam com muita frequência a intensidade dos intercâmbios entre os

³ Vide o relatório de Dorota Ilczuk e Magdalena Kulikowska (Pro Cultura), para o European Festival Research Project (EFRP), “Festival Jungle, Policy Desert? Festival Policies of Public Authorities in Europe”, 2007. Disponível em: <www.labforculture.org/fr/ressources-pour-la-recherche/contenu/publications/festival-jungle-policy-desert>.



autores, os intérpretes e os espectadores. Denunciam a confusão mantida em tantos lugares entre as manifestações que fazem jus à criação, assumindo o risco do desconhecido, e aquelas que se contentam em estampar cartazes com espetáculos sofríveis e estrelas consagradas. Preocupam-se ainda com as incertezas comerciais, que espreitam vários festivais cujo programa se revela definido pelo imperativo de popularidade, como se as massas devessem renunciar à exigência de autenticidade. Finalmente, interrogam-se sobre a capacidade que tem um festival de se inscrever dentro de uma perspectiva de ordenamento urbano que se revela compatível com

uma exploração razoável dos recursos naturais e, ao mesmo tempo, propícia à participação dos habitantes na transformação do seu modo de vida.

Ao abrir este debate, é, sem dúvida, necessário guardar na memória o fato de que os festivais mundialmente reconhecidos que servem hoje como modelos para os “operadores culturais”, quer se tratem de artistas, de administradores ou responsáveis políticos, debutaram, na sua maior parte, através de arriscadas aventuras, conduzidas contra as correntes dominantes da estética e do consumo, por indivíduos associados, cujo desejo de partilhar era o motivo, e o gosto pelo risco, o motor.